

Arquitetura do vestir: as roupas como projeto em Florença e no Rio de Janeiro

Helena Garcia Lopes Bernucci Ramos

Orientação: Prof. Dr. Alexandre Benoit (Escola da Cidade).

Pesquisa: Pesquisa Experimental, bolsa do Programa de Iniciação Científica da Escola da Cidade, 2020-21.

Este ensaio é resultado de uma pesquisa que explora a relação entre corpo e espaço e arte e arquitetura por meio de um paralelo traçado entre as obras-manifesto que envolvem os experimentos artísticos de caráter vestível executados pelo grupo florentino Archizoom Associati (entre 1960 e 1970) e os "Parangolés" (anos 1960) de Hélio Oiticica. Embora sejam produções bastante diversas entre si, o trabalho concentra as análises nas obras *Dressing is Easy* e *Dressing Design: Nearest Habitat System*, do grupo Archizoom, e "Parangolé", de Hélio Oiticica. Entrelaçando os dois contextos,

procuramos investigar como as relações do ato de vestir conduzem à extinção da posição do público como mero espectador, uma vez que, para eles, a experiência/propósito só é totalmente contemplada quando incorporada, exaltando a ideia de movimento intrínseco ao corpo e este como crítica radical ao espaço arquitetônico e seus meios de produção. De caráter experimental, a pesquisa resultou também na produção de 21 peças, protótipos vestíveis inspirados nos dois eixos de análise, e um editorial fotográfico, que retrata esses produtos.

Architecture of wearing: clothing as a project in Florence and Rio de Janeiro

This essay is the result of a research that explores the relationship between body and space and art and architecture through a parallel drawn between the manifesto-works that involve the wearable artistic experiments carried out by the Florentine group Archizoom Associati (between 1960 and 1970) and the "Parangolés" (in the 1960s), by Hélio Oiticica. Although they are quite different productions, this work focuses its analysis on the works "Dressing is Easy" and "Dressing Design: Nearest Habitat System", by the Archizoom group, and "Parangolé", by Hélio Oiticica. Intertwining both contexts, we seek to investigate how the relations of the act of dressing lead to the extinction of the public's position as a mere spectator, since, for them, the experience/purpose is only fully contemplated by being incorporated, exalting the idea of movement as intrinsic to the body, and the latter as a radical critique of architectural space and its means of production. Of an experimental character, the research also resulted in the production of 21 pieces, wearable prototypes inspired by both axes of analysis, and a photographic editorial, which portrays those products.

Arquitectura del vestir: las ropas como proyecto en Florencia y Rio de Janeiro

Este ensayo es el resultado de una investigación que explora la relación entre el cuerpo y el espacio y el arte y la arquitectura a través de un paralelo trazado entre las obras-manifiesto que involucran los experimentos artísticos portátiles realizados por el grupo florentino Archizoom Associati (entre 1960 y 1970) y los "Parangolés" (de la década de 1960), de Hélio Oiticica. Aunque se trata de producciones bastante diferentes, el trabajo centra el análisis en las obras "Dressing is Easy" y "Dressing Design: Nearest Habitat System", del grupo Archizoom, y "Parangolé", de Hélio Oiticica. Entrelazando los dos contextos, buscamos indagar cómo las relaciones del acto de vestir conducen a la extinción de la posición del público como mero espectador, ya que, para ellos, la experiencia/finalidad sólo es plenamente contemplada cuando se incorpora, exaltando la idea de movimiento intrínseco al cuerpo y este último como crítica radical al espacio arquitectónico y sus medios de producción. De carácter experimental, la investigación también resultó en la producción de 21 piezas, prototipos vestibles inspirados en los dos ejes de análisis y un editorial fotográfico, que retrata estos productos.



O grupo Archizoom Associati foi fundado em 1966 e atuou até 1974. Foi composto, inicialmente, pelos arquitetos Andrea Branzi, Gilberto Corretti, Paolo Deganello e Massimo Morozzi, seguidos pelo casal de designers industriais Dario e Lucia Bartolini, que ingressou em 1968. Pouco mais de vinte anos após o término da Segunda Guerra Mundial, a Europa passava por um momento de efervescência política, marcado, por exemplo, pelos acontecimentos de maio de 1968, que causaram impacto ao redor do mundo e repercutiram fortemente na Itália. Durante sua atuação, o grupo propôs a ampliação do campo da profissão, estabelecendo uma relação entre arte e arquitetura e transitando pelas mais diversas técnicas e materiais, produzindo móveis, roupas, instalações e projetos. Buscaram ainda expressar uma arquitetura crítica ao movimento moderno e suas carências, com ênfase na crítica ao funcionalismo, muito presente na lógica da reconstrução das cidades europeias. O grupo enxergava no design e na arquitetura ferramentas motoras de mudanças sociais.

Um dos trabalhos que marcou a trajetória do Archizoom foi o *No-stop city* – várias outras experiências se desdobraram a partir dessa obra, dentre elas, *Dressing is Easy* e *Dressing Design: Nearest Habitat System*, que são objetos de análise desta pesquisa. Publicado em 1969, o *No-stop city* pode ser entendido como uma síntese da ideologia do grupo. Textos, plantas datilografadas, fotografias, fotomontagens e instalações criam uma cidade onde os princípios modernos são levados ao extremo. Nem utopia nem distopia, mas crítica que tem como ferramenta o absurdo, ressaltando carências e vícios dos modelos urbanos existentes e regidos pelo capital e pela indústria, numa exacerbação que sugere mudanças e novas posturas. Uma cidade homogênea, desprovida de símbolos figurativos, que só se faz possível por meio da ventilação e iluminação artificiais, sem variações sazonais; sinônimo de máxima funcionalidade, onde todas as atividades, a não ser a produção, o consumo e a distribuição, são extintas (BRANZI, 2006; AURELI, 2011).

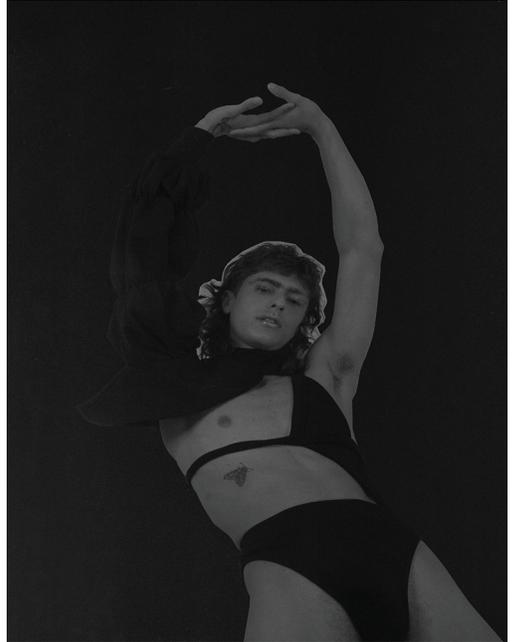
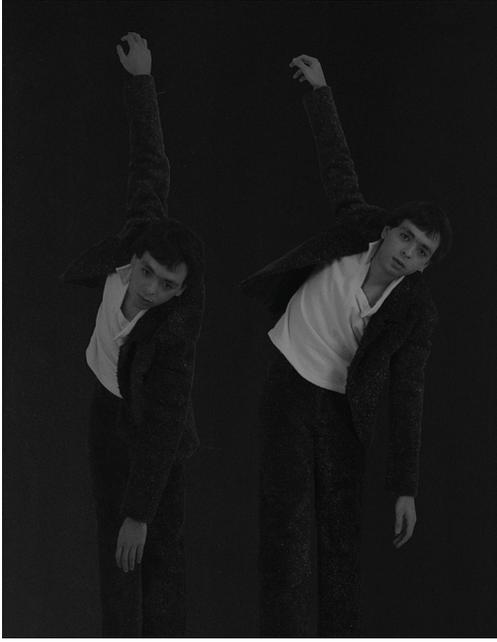
O Archizoom e outros grupos italianos — como Superstudio, UFO, 9999 e Gruppo Strum — receberam da crítica internacional, sobretudo da estadunidense, o rótulo de arquitetos radicais, mas, apesar de terem atuado em um mesmo contexto, tinham ideologias e objetivos distintos. Nas palavras de Branzi: “Portanto, vamos considerar o movimento ‘radical’ não como um monólito, mas sim como uma realidade feita de diferentes tendências, que com o tempo, deram origem a resultados completamente diferentes” (BRANZI, 2006, p.139, tradução nossa). Influenciado por outros movimentos artísticos do mesmo período, como a arte Povera, que também ocorria na Itália, a *Land Art* e o *Pop* norte-americano, o grupo idealizava, ainda, peças da contracultura, ilustrando seu caráter provocativo e irônico.

Apesar de nunca terem construído edificações, signo considerado fundamental da prática profissional, exerceram a arquitetura de forma efervescente, teórica e crítica, com desdobramentos no exercício da disciplina contemporânea, demonstrando que o fazer e o pensar a arquitetura são muito mais vastos do que apenas a construção/edificação. No Brasil, dez anos antes da publicação de *No-stop city*, em 1959, foi escrito o Manifesto Neoconcreto assinado por Lygia Pape, Amilcar de Castro, Ferreira Gullar, Franz Weissmann, Lygia Clark, Reynaldo Jardim e Theon Spanudis. Para maior compreensão do Neoconcreto é necessário recuperar o movimento que o antecede: o Concretismo brasileiro, que teve início a partir dos anos 1950.

Marcado pela crença na indústria e no desenvolvimento tecnológico, o Concretismo teve como um dos seus motores a exposição das obras do arquiteto Max Bill no Masp, em 1951. Seu trabalho, carregado de influências vindas dos fundamentos do Construtivismo Soviético, De Stijl e Bauhaus, que posteriormente culminaria na fundação da escola de Ulm, expressava uma arte racional de nítida abstração geométrica não figurativa, baseada nos fundamentos da Gestalt. Dessa forma, o Concretismo prezava por uma arte industrial, de processo objetivo e de fácil reprodução, criticando o fetiche do objeto artístico único e autoral, que representa o mundo ao invés de construí-lo. Dois grupos representavam os concretos no país: o Ruptura (São Paulo) e o Frente (Rio de Janeiro), e seus principais teóricos eram Waldemar Cordeiro (SP), Ferreira Gullar e Mário Pedrosa (RJ).







A união dos dois grupos durou pouco e, por meio de uma revisão crítica, o grupo carioca se proclamou como Neoconcreto, condenando o que consideravam ser o caráter dogmático do movimento Concreto. Os signatários do manifesto Neoconcreto, contrários à ideia de uma arte contemplativa ou à sua mera transformação em design, buscaram estabelecer uma relação ativa com o espectador, quebrando a ideia de passividade e contemplação diante do objeto de arte, permitindo que o público fosse parte constituinte da obra, e que ela explorasse e conquistasse novos espaços, planos e dimensões. O Neoconcretismo marca o auge e o esgotamento do projeto construtivo brasileiro. Com o Golpe de 1964, a perspectiva construtiva perde o sentido e surgem trabalhos como "Parangolé" de Hélio Oiticica, "Divisor" de Lygia Pape, as vestimentas sensoriais (máscaras, macacões e luvas) de Lygia Clark e, mais tarde, na década seguinte, "Poesia Viva" do grupo Poema Processo, obras que absorvem elementos não construtivos da cultura brasileira a este universo, tornando-o ainda mais maleável.

Os parangolés, assim como os trabalhos do grupo Archizoom mencionados acima, são experimentos de caráter vestível que colocam o corpo como protagonista, permitindo que a obra conquiste o espaço tridimensional e rompa com a ideia monolítica de autoria, uma vez que o observador também passa a ser autor, pois sem sua presença a obra não atinge seu propósito total.

O **vestir** já em si se constitui numa totalidade vivencial da obra, pois ao desdobrá-la tendo como núcleo central o seu próprio corpo, o espectador como que já vivencia a transmutação espacial que aí se dá: percebe ele na sua condição de núcleo estrutural da obra o desdobramento vivencial desse espaço intercorporal (OITICICA, 1965, s.p., grifo do autor).

Considerando as noções do vestir apresentadas por Oiticica, observemos o filósofo francês Roland Barthes, em seu livro "Sistema da moda":

Pode-se esperar do vestuário que ele constitua um excelente objeto poético. Primeiramente, porque ele mobiliza com muita variedade todas as qualidades da matéria — substância, forma, cor, taticidade, movimento, apresentação, luminosidade; e depois porque, em contato com o corpo e funcionando ao mesmo tempo como seu substituto e sua cobertura, é ele, certamente, objeto de um investimento muito importante (BARTHES, 2009, p.224).

Dessa forma, tais experimentos negam as estruturas tradicionais e convencionais ligadas à ideia de objeto artístico e transbordam o campo da arte invadindo e dialogando com outros campos como o da moda e da vestimenta. Assim, possuem um caráter mais efêmero, atrelado à experiência, imbuídos de objetivos críticos e comportamentais.



NOTAS

1. O termo "design radical" se popularizou a partir da edição de número 367 da revista italiana "Casabella", cuja capa estampava o título Radical design. Esse termo foi emprestado do texto do crítico Germano Celant que integrava o catálogo da exposição Italy: The New Domestic Landscape, realizada no MoMA-NY em 1972, com curadoria do arquiteto argentino Emilio Ambasz, que contava com obras da maioria dos grupos mencionados acima.
2. No original: "So let us regard the 'radical' movement not as some monolith, but rather as reality made up of differences tendencies which, over time, have given rise to completely different results" (BRANZI, 2006, p.139).
3. Esta vasta produção pode ser conferida nos acervos do Centro Studi e Archivio della Comunicazione dell'Università di Parma (CSAC), do Centre Pompidou – Paris e do FRAC Center – Orleans. Neles se encontram diversos exemplos do amplo fazer arquitetônico do Archizoom, tais como: móveis, fotografias, experiências audiovisuais, experimentos vestíveis, desenhos, estampas, artigos e maquetes.
4. Para aprofundar a ideia de transformação da arte em mera ferramenta do design, ver Brito (1999).

REFERÊNCIAS

- AURELI, Pier Vittorio. **The Possibility of an Absolute Architecture**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2011.
- BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BRANZI, Andrea. **No-Stop City, Archizoom Associati**. Orléans: HX, 2006.
- BRITO, Ronaldo. **Neoconcretismo: Vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro**. São Paulo: Cosac Naify, 1999.
- OITICICA, Hélio. **Anotações sobre o "Parangolé"**. Carta para Jayme Maurício, 1965. Disponível em: <https://www.correioims.com.br/carta/os-parangoles-de-helio-oiticica/>. Acesso: ago. 2020.

SOBRE A AUTORA

Aluna de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola da Cidade.

helelenaramos@gmail.com